

## "AUTOEROTISMO"(\*)

O autoerotismo surge na obra de Freud solidário de sua teoria das pulsões. Ele está inscrito na linha de uma concepção ampla da sexualidade, que a desvincula dos limites existentes, até então, da genitalidade e do surgimento tardio na puberdade.

Nesse sentido, o autoerotismo se transforma em peça chave de uma nova concepção do sexo, que estende o papel do genital ao corpo todo e o coloca como experiência primordial desde o começo da vida.

O termo, tomado emprestado de H. Ellis, é inicialmente usado por Freud para definir um modo particular de expressão da sexualidade dita "infantil", de não precisar de um objeto para sua satisfação.

"A sexualidade infantil é autoerótica", diz Freud nos "Três ensaios para uma teoria sexual" de 1905, querendo dizer que não precisa de um parceiro para existir, se satisfaz no próprio corpo e o exemplo dos "lábios que se beijam a si próprios" se transforma na ilustração clássica desse tipo de atividade.

Este modo de definição tem engendrado em sua aparente simplicidade uma série de confusões e ambiguidades, tanto na própria obra de Freud, como em seus leitores e continuadores.

Propõe Freud a existência de uma fase anobjetal no começo da vida? A prescindência do parceiro equivale a anobjetalidade?

O texto de 1905 é nesse sentido bastante claro. O prazer correlativo a esta atividade autoerótica, diz Freud, é um prazer já experimentado, já vivido. É justamente a revivência desse prazer o que funda a atividade autoerótica.

O conceito de apoio vem complementar o de autoerotismo: a sexualidade nasce, segundo Freud, apoiada na satisfação das pulsões de autoconservação e justamente a experiência de

satisfação da necessidade é a que é revivenciada autoeroticamente, quer dizer, em ausência desse auxílio externo, sem o qual a criança, desamparada biologicamente, incapaz de procura autônoma, encontraria sua morte física.

É a partir de representações aportadas por um outro que é possível pensar em atividade autoerótica.

O autoerotismo não é então um produto anobjetal, senão um resultado da "relação de objeto", de um objeto Outro do qual o sujeito nada sabe mas que o organiza e funda como sujeito e como objeto.

O conteúdo representacional que acompanha esse prazer de órgão, esse conteúdo mental que provém desse Outro, essa ensonhação, fantasia que acompanha o autoerotismo, constitui para muitos seu "objeto".

A fantasia seria objeto da atividade autoerótica.

A "Introdução do conceito de narcisismo", em 1914, traz uma outra linha de reflexões que reorganizam e recolocam a noção do autoerotismo.

No texto, Autoerotismo, Narcisismo e Escolha de Objeto são colocados em uma sequência que assinala degraus de complexidade do psiquismo, como também uma relativa oposição, ou melhor, uma definição interligada de cada uma dessas noções.

A preocupação de Freud continua sendo sua teoria das pulsões, da sexualidade; mais especificamente, sua validade em relação ao campo da psicose, pouco explorado até então, e motivo de questionamentos por parte de Jung.

O auto-erotismo é proposto como momento inaugural do surgimento da sexualidade, momento caracterizado pela falta de um organizador, de um "eu", novo ato psíquico, como é chamado no artigo "Introdução ao narcisismo", de 1914, e a condição necessária para o segundo momento, o do narcisismo.

(\*) - O presente trabalho é a transcrição de minha participação numa mesa-redonda sobre AUTOEROTISMO, num enfoque Kleiniano, Lacaniano e Freudiano. Coube-me o último enfoque e estava destinado aos alunos do curso de Graduação em Psicologia da USP. Esta circunstância marca o conteúdo do texto.

A libido passaria, depois, do ego aos objetos, como do corpo da ameba a seus pseudópodes, na clássica metáfora usada por Freud. Libido do eu, libido objetal, posições opostas em equilíbrio instável sempre conflitante. O investimento de objeto pode voltar a ser do eu o que constitui o narcisismo secundário em relação ao primário ou original.

A megalomania psicótica é pensada como expressão desse narcisismo secundário: a libido que investia os objetos é retirada deles e reinvestida no "eu", sendo o delírio megalômano a tentativa restitutiva, explicação (delirante) das mudanças no plano do investimento sexual.

Os fenômenos psicóticos são uma das justificativas usadas por Freud para introduzir esta nova concepção que tão fecunda se mostraria para o pensamento psicanalítico.

O narcisismo, daí em diante, vai se transformar em eixo teórico que acabará por engolir o do autoerotismo, ao ponto de Freud expressar na conferência de 1917, dedicada ao assunto, que "o autoerotismo é a expressão do narcisismo".

Seja como for, ele acaba herdando os engodos teóricos da noção anterior. De novo se volta a colocar a questão da anobjetalidade, agora em relação ao narcisismo dito "primário".

Curioso, porém, que no mesmo texto de 1914 atribua Freud aos pais o papel de narcisizadores, pois projetam no bebê (his majesty) seu próprio narcisismo.

O narcisismo e o eu que o inaugura podem ser pensados como efeito dessa tal narcisização por parte de adultos que procuram um suporte a seu próprio narcisismo e o encontram (no melhor dos casos) nesse pequeno ser inerte e desamparado.

Seja como for, supomos nos ditos pais, a existência de um aparelho mental constituído, de uma sexualidade exogamizada, organizada em torno da proibição do incesto, para os quais o bebê não é mais que uma oportunidade de realização fantasmática de um desejo inconsciente reprimido.

Demorará Freud ainda alguns anos para conceitualizar essa relação narcisizante em termos da castração materna.

A noção de autoerotismo, ou de narcisismo primário, que em parte vem a reelaborá-la, forma parte conjuntamente com outras, como as de Identificação primária, Repressão primária, de uma série de esforços na teoria psicanalítica, para dar conta da origem, por não dizer da gênese do psiquismo. Efetivamente, o nascimento de um bebê supõe o desafio para os psicanalistas de dar conta de como, e através de que processos, vai ser construído um aparelho mental capaz de pensar, de falar, de gozar.

Este desafio não deixa hoje de aguçar a mente do teórico e envolve riscos que nunca será demais assinalar. O realismo, em parte necessário, em especial quando se escolhe uma linha de reconstituição genética, oculta, às vezes, o caráter hipotético, ficcional, da reconstituição. A preocupação pela origem do psiquismo, pelos primeiros atos que o fundam, supõe sempre uma solução mítica, que na obra de Freud pode passar pela constituição de uma primeira vivência de satisfação, ou pela repressão primária, ou pela suposição de um narcisismo primário a partir do qual se organizem os investimentos objetais.

A este realismo genético tem-se oposto uma saída estrutural, que renuncia à reconstituição e situa a origem como momento lógico da estrutura como um todo. A alternativa estrutural se apresenta então como um caminho válido que resgata a psicanálise de um empirismo ingênuo e lhe abre melhor as portas de outros campos do pensar humano: lingüística, antropologia, filosofia.

Mas a articulação teórica exerce, também, seu poder de fascinação totalizante, e quanto mais se insiste em seus limites, maior é seu efeito de "verdade".

A essência do descobrimento freudiano, o inconsciente, esse desconhecido, esse estranho e familiar, é sempre arredo a deixar-se capturar pela elaboração do teórico ou pela sua teoria.

Por outro lado, se algo separa a elaboração teórico-clínica psicanalítica de qualquer outra, é

a pergunta, sempre renovada à respeito do sujeito que teoriza. Não por acaso Freud se questiona em relação aos delírios de Schreber, se sua própria teoria da libido não coincide com a dele, quer dizer, se não comporta uma parte de delírio.

Se a obra de Freud continua sendo hoje modelo e fonte inspiradora para os psicanalistas é não só pela originalidade de suas soluções, muitas vezes míticas, senão também pelo levantamento de problemas até hoje válidos e sobretudo por essa combinação tão especial de rigor e exigência teórica, com uma submissão à clínica que o fez, mais de uma vez, abdicar de posições teóricas extremamente elaboradas em favor de outras que

achava melhores para continuar pensando esse "real" inconsciente de que teorização nenhuma dará conta suficientemente.

No fim, é no "Além do princípio do prazer" que citando, Freud diz:

"O que não se pode pegar voando há que alcançá-lo mancando.

A escritura diz: mancar não é pecado".

**OSCAR MIGUELEZ**

Professor do Curso : Formação em Psicanálise.